



À Beira

do Abismo

*Condensação do livro** de MARIE HACKETT

“**A** ÚLTIMA coisa com que nos poderíamos conformar seria mandar para o hospício a pessoa que amamos”, escreve Marie Hackett. Quando as alucinações de seu marido assumiram tais proporções que não podiam ser consideradas sem importância, ela ficou aterrada com a própria inutilidade e completamente desorientada diante da desgraça. Mas a própria situação que teve de enfrentar viria a ensinar-lhe que as doenças mentais são doenças como quaisquer outras, e que, com os tratamentos modernos, não devemos dá-las como incuráveis.

À Beira do Abismo é uma história de amor verdadeira, a luta de uma mulher para salvar o marido e a família. É também a história de como um jovem veterano de guerra atravessou um ano de trevas mentais e saiu delas mais forte do que antes.

* “*The Cliff’s Edge*”, copyright, 1954, de Marie Hackett, publicado por McGraw-Hill Book Co., Inc., New York 36, N.Y., E.U.A.



À BEIRA DO ABISMO



SEU MARIDO está muito doente, Sr.^a Hackett.—O médico mostrava-se compreensivo, mas firme.—Precisamos hospitalizá-lo.

Sorri diante da solenidade dêle.

—Talvez no mês que vem êle possa passar alguns dias no hospital, durante as férias—sugeri.

—Não! Não! Êle tem de estar aqui amanhã. Seu marido está emocionalmente enfêrmo e poderia tornar-se perigoso para a senhora e para as crianças.

Mesmo assim, não o levei muito a sério. É verdade que eu andava preocupada com Paul—com suas bruscas mudanças de gênio, terríveis dores de cabeça, noites inquietas e conversas estranhas sôbre fôrças do bem e do mal. Calculando que aquilo pudesse ter relação com o ferimento na cabeça que pusera fim à sua carreira de aviador do Exército, eu tinha procurado o serviço de saúde da Administração de Veteranos de Guerra dos Estados Unidos, em Newark, para pedir conselho.

Mas, uma vez lá, eu respondera com hesitação às perguntas do médico, sentindo-me de certo modo desleal. Só depois de intenso interrogatório, mencionara a arma que Paul

guardava ao lado da cama e de suas inexplicáveis mudanças de emprêgo e profissão. Em nossos seis anos de casados, confessei, havíamos mudado continuamente de um lugar para outro, por insistência dêle, e cortado todos os laços de família e de amizade. Naquele momento, vivíamos com as três crianças numa cidade do Estado de Nova Jersey onde ninguém nos conhecia.

O médico escutara gravemente e mandara buscar a ficha de Paul no Exército. E então dera o seu veredicto—o veredicto que eu achara tão difícil de aceitar. A última coisa com que nos poderíamos conformar seria mandar para o hospício a pessoa que amamos.

Mesmo no dia seguinte, depois de ter convencido Paul a ir comigo fazer um exame e de o médico haver sugerido que êle ingressasse imediatamente no Hospital de Veteranos, continuei a subestimar a situação. A caminho do hospital, naquela tépida tarde de maio, estava certa de que êle seria internado apenas por alguns dias, até que um exame médico determinasse a origem do seu mal. Com surpresa para mim, Paul mostrou-se disposto a ser submetido a trata-

mento no hospital para doentes mentais, não se amedrontando com suas enormes janelas de grades negras. Quando as portas do edifício vermelho-escuro se fecharam sôbre êle, nenhum de nós sabia as provações que ainda iríamos enfrentar.

Na semana seguinte telefonei diariamente para o hospital, recebendo apenas afirmações inconvincentes de que tudo acabaria bem. Paul não me telefonava nem escrevia, e fui avisada de que não poderia visitá-lo. Fiquei então mais preocupada. Não tínhamos necessidade imediata de dinheiro, uma vez que dispúnhamos da pensão que Paul recebia por invalidez, mas a visão de seu breve retôrno esvaiu-se sob o silêncio que pareceu descer sôbre a casa, as crianças e sôbre mim mesma. Um mês terrível se passou durante o qual ou eu pensava que fizera uma tolice ao interná-lo, ou desconfiava de que há muito deveria tê-lo feito.

Por fim, permitiram-me que começasse a visitá-lo, mas encontrei pouco consôlo nas minhas visitas. Havia ocasiões em que Paul se mostrava preocupado e silencioso e outras em que falava excitadamente em planos para o futuro. Convenci-me de que o hospital exercia má influência sôbre êle e insisti em que me permitissem levá-lo para casa por alguns dias. Finalmente, dois meses após sua internação concederam-lhe um fim-de-semana de licença.

OS DOIS DIAS não correram de todo mal. Mas no domingo de noite

virei-me na cama, meio adormecida, com a sensação de que algo de bom havia acontecido. Paul estava em casa. Estendi a mão para tocá-lo e certificar-me da sua presença. O traverseiro junto ao meu estava vazio. Sentei-me na cama, olhei em tôrno do quarto iluminado pelo luar e apurei o ouvido.

Depois levantei-me, saí para o corredor e parei no alto da escada. Imaginando que êle tivesse descido para beber um copo de leite, chamei por êle baixinho para não acordar as crianças.

Houve um longo silêncio. Depois ouvi ruído de pés descalços e vi Paul subindo a escada apressadamente. Vi também que empunhava uma faca de cozinha que reluzia ao luar. Seus olhos brilhavam, na semi-escuridão, quando me disse:

—Marie, reúna tôdas as crianças num quarto. Eu fico de guarda aqui.

—Que aconteceu, Paul?—perguntei-lhe.—Há alguém dentro de casa?

—Faça o que lhe digo. Reúna as crianças no quarto das meninas.

Como eu hesitasse, êle me deu uma bofetada. Não senti o choque da dor, mas tive apenas a consciência viva de que meu marido, a quem eu amava, me batera.

Voltei-me e corri para o quarto das meninas, fechando a porta. Sentei-me no chão, entre as duas camas iguais, pondo uma das mãos sôbre Chris, como para protegê-la, e a outra sôbre Gina. E fiquei repetindo de mim para comigo: era isto o que o médico queria dizer; isto é loucura.

Meu marido está louco e eu estou prêsa aqui, sòzinha, com as crianças.

A porta se abriu, mas eu não ergui os olhos. Puxei o lençol sôbre Chris num gesto instintivo de defesa. Paul tomou a minha mão e disse-me que não tivera intenção de bater-me e que teria de travar sua batalha sòzinho no hospício. Voltamos para nosso quarto e fiquei quieta a seu lado até que êle adormeceu. Da cama, via a faca de cozinha no chão do corredor, onde êle a deixara cair.

Fiquei ali a ouvi-lo respirar. Era uma noite como haviam sido milhares de noites: as crianças dormindo e o marido a meu lado; noites em que eu ficara acordada, planejando piqueniques ou imaginando como seria quando as crianças fôssem crescidas. Mas aquela noite era diferente porque me dera a prova da perigosa doença de Paul, uma doença muito mais grave do que eu me permitira acreditar. E foi então que me perguntei como pudera viver cega para o seu mal durante tanto tempo.

QUANDO CONHECI Paul eu era caloura na Faculdade de Direito da Universidade de Bóston. Êle já estava no fim do curso, tendo sido o primeiro veterano de guerra a voltar à escola: um rapaz louro, de olhos azuis e ótimos dentes brancos destacando-se no rosto queimado de sol. Ambos nos havíamos criado perto de Bóston, ambos tínhamos pais engenheiros, havíamos freqüentado escolas da paróquia e colégios católicos. Descobrimos essas afinidades nos me-

ses que se seguiram ao nosso primeiro encontro, os maravilhosos meses em que nos apaixonamos profundamente.

Descobri, também, que Paul possuía uma inteligência brilhante, tremenda vitalidade, grande ambição e uma consciência que parecia assombrá-lo e persegui-lo. Quando me contou que sofrera uma concussão no Exército e que atravessava terríveis períodos de depressão, eu já estava tão apaixonada que não me pareceu que isto tivesse importância.

Casamo-nos dali a seis meses e pouco tempo depois Paul abandonava a Faculdade de Direito e dedicou todo o seu tempo ao negócio de rádio e equipamento de som em que já fazia uns biscates. Infelizmente, apesar de todos os seus esforços, fracassou. Teve início, então, um longo período durante o qual pôs em prática os mais diversos projetos, fazendo progresso em cada um dêles... para finalmente destruí-lo levado por algum terror absurdo. Guardava segredo de suas preocupações profissionais e eu nunca o interrogei a respeito. Mas de vez em quando percebia que suas desconfianças de sócios ou empregados eram absurdas.

Quando vieram os filhos—primeiro Chris, depois Gina e, finalmente, o pequeno John—Paul mostrou-se tão entusiasmado como eu, e era bom pai. Mas a sua inquietação aumentava sempre. Nenhum empreendimento conseguia satisfazê-lo. Ficou obcecado com o estudo da Psicopatologia, e por fim tivemos de sair de Bóston para que êle pudesse fre-

A nova pena **SNORKEL**



da *Sheaffer's*
ajuda a unir o mundo

**UMA NECESSIDADE UNIVERSAL NOS
NEGÓCIOS — GOVÊRNO — EDUCAÇÃO —
PROFISSÕES — NAS AMIZADES PESSOAIS**

Hoje, a Pena Snorkel da Sheaffer é conhecida como a maior realização em matéria de canetas-tinteiro. Enche-se sem gotejar—nunca é preciso limpá-la. A ponta fica sempre limpa. Se quiser o que há de melhor e mais novo, compre uma Pena Snorkel da Sheaffer.



O tubo sai para encher
—depois, retrai-se.

SHEAFFER'S

W. A. SHEAFFER PEN COMPANY, Fort Madison, Iowa
No Canadá: Goderich, Ontário • Na Austrália: Melbourne
Na Grã-Bretanha: Londres

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

qüentar um curso pós-universitário de Psicologia na Universidade Fordham, de Nova York. Mas, passados alguns meses, desistiu do curso para aceitar um emprêgo de vendedor de automóveis.

Através de tudo isso, não obstante os intermináveis períodos de inconsciência que me deviam ter advertido sôbre a doença de meu marido, escondi minhas dúvidas, apegando-me ao fato de estarmos profundamente apaixonados e de têmos sido abençoados por filhos maravilhosos. Assim é que eu vivia românticamente a sonhar que era a espôsa perfeita, que não fazia perguntas, enquanto Paul lutava sòzinho, não só para ganhar dinheiro para manter-nos, mas também pela própria sanidade mental.

ENQUANTO LEVAVA Paul de volta ao hospital, na manhã seguinte à daquele incidente aterrorador com a faca da cozinha, eu procurava não adivinhar o que êle pensava, tentava não invejar os casais que por nós passavam em outros carros. Quando falou, êle o fêz na linguagem obcecada de doente.

—Eu a amo, Marie, e quando conseguir derrotar as fôrças do mal, você se orgulhará de mim.

No hospício, beijou-me—um beijo violento, ao mesmo tempo amoroso, raivoso e selvagem—e depois entrou sòzinho num dos edifícios de tijolos vermelhos.

As crianças brincavam no quintal quando voltei para casa. Uma moçinha da vizinhança ficara tomando

À BEIRA DO ABISMO

conta delas. John correu a meu encontro com um grande sorriso. Como se parecia com o pai! Gina pareceu hesitar, mas depois veio ao meu encontro. Mas Chris, a mais velha, com cinco anos, afastou-se de mim. Ao jantar, nem queria olhar-me. Quando ficamos a sós, tomei-a nos braços e ela começou a chorar.

—Você levou papai embora—soluçava.—Sei que a culpa é sua. Você levou papai.

—Papai teve de ir, Chris. Foi ferido quando estêve no Exército, está doente, e os médicos querem que êle fique no hospital até se curar. Se nós rezarmos por êle tôdas as noites, logo estará em casa.

Ela me abraçou e parou de chorar. Mas, quando pus as crianças na cama, eu me sentia assustada e acuada. Até quando conseguiria enganá-las? Quanto tempo se passaria até que descobrissem onde Paul estava e o que os outros pensavam de lugares assim? Depois de ter ouvido as suas orações, rezei também:

—Deus, por favor, não nos esqueçais.

DURANTE DOIS MESES, eu tinha visitado o hospital duas vêzes por semana, e falara amiúde com um dos médicos, homem apressado que mal me ouvia e dava respostas vagas e insatisfatórias a tôdas as minhas perguntas. Depois da visita de Paul a casa, resolvi obter informações precisas sôbre o seu estado, e na tarde do domingo seguinte cheguei muito antes da hora de visita para assim

Primeiro apresentamos
Assentos Plásticos
GOYANA

Você aprovou...



Depois apresentamos
Armários de Banheiro
GOYANA



Você aprovou...

AGORA!

Banquinho plástico para banheiro

GOYANA

inteiramente de plástico... também eterno!



- econômico
- confortável
- higiênico
- resistente

Com assento de polopás
e pés de material
plástico transparente
como cristal

NAS CÔRES:
azul ● preto
marfim ● branco
rosa ● verde

**INDÚSTRIAS BRASILEIRAS
DE MATÉRIAS PLÁSTICAS S. A.**

*Pioneiros da aplicação industrial dos
plásticos no Brasil*

São Paulo: Rua Tito, 215

Rio de Janeiro: Rua México, 98 - 7.º andar

ter tempo de obter uma entrevista.

Encontrei dessa vez outro médico no gabinete, um homem corpulento de meia-idade, que me fez lembrar um médico da família. Levantou-se e estendeu-me a mão.

—Sou o Dr. Edwards, Sr.^a Hackett. Estive de férias, mas estou a par do caso de Paul.

Vendo-o tão amistoso e humano, confessei-lhe todos os meus receios—quanto me preocupava o fato de Paul não estar melhorando, quanto estava desesperada por não ter um diagnóstico definido da doença d'ê. E contei então o incidente da faca de cozinha.

—Parece-me que Paul piorou aqui no hospital—declarei—talvez, se voltasse para casa, pudéssemos arranjar para que êle fôsse tratado particularmente.

O Dr. Edwards não respondeu logo. Por fim disse:

—O nosso corpo médico acha que Paul está extremamente doente. Tem sido submetido a rigorosos testes psiquiátricos desde que aqui chegou, e o outro médico só se mostrou vago porque estava incerto quanto às causas. Na nossa opinião, Paul é um esquizofrênico paranóico, o que, em linguagem mais simples, quer dizer que tem ilusões de fôrças malignas aliadas contra êle, e que sofreu um grave afastamento da realidade. Êsse incidente do fim-da-semana significa que suas ilusões se tornaram ativas. Sinceramente, eu não a aconselho a tirar Paul daqui agora.

Minha confusão deve ter-se estam-

pado no meu rosto. O médico falou em tom mais brando.

—Não é incurável, Sr.^a Hackett. Tenho visto muitos rapazes melhorarem. Talvez a senhora tenha de enfrentar uns três anos durante os quais Paul demonstrará, alternadamente, depressão, raiva, alívio, falta de contato. Durante êsse tempo, terá de arranjar uma maneira de manter as crianças e esperar por êle. Será duro. Haverá dias que êle não a reconhecerá; em outros, a senhora pensará que êle já está bom. Êle poderá ter inclinações homicidas ou suicidas. Pode ser que se cure—e pode ser que não. Sinto muito, Sr.^a Hackett, mas alguém tinha de lhe dizer a verdade.

—Mas quais são as causas, doutor? Por que teria isso acontecido com Paul?

—Não há vestígios da doença nêle antes de ter feito o serviço militar nem na história da família. Quando feriu a cabeça no desastre de aviação, começou nêle uma série de rupturas com a realidade. Não foram os efeitos físicos do ferimento que causaram o mal, mas poderiam ter sido os efeitos psicológicos.

Fiz a pergunta que havia meses me martelava no espírito:

—E as crianças?

—Esta doença não é hereditária. Quanto a isso não precisa ficar preocupada.

—Mas que acontecerá a Paul, doutor? Haverá alguma coisa que eu possa fazer? Sinto-me tão inútil.

—A verdade é que pouco sabemos sôbre as enfermidades emocionais—

disse o médico em voz baixa.—Mas a senhora pode fazer uma coisa: vença o medo que tem dessa doença. É uma doença e nada mais. Alguns pacientes curam-se, e eu não acho que Paul seja incurável. Prometo que farei tudo o que puder. Enquanto isso, mantenha o lar e as crianças. Venha visitar Paul, escreva-lhe regularmente e, acima de tudo, espere, reze e creia. Faça com que êle sinta o seu amor. É preciso que nunca o decepcione.

E assim terminou a entrevista e chegou a hora em que eu deveria ver Paul. Numa sala de jantar apinhada de pacientes e visitantes, sentamos a uma longa mesa, e Paul perguntou pelas crianças. Vestia um uniforme azul desbotado e tinha o cabelo cortado à escovinha. Para onde quer que eu olhasse, via homens em tôdas as fases da loucura. Vestiam-se como Paul, e êle estava trancado com os outros—era um dêles. Essa imagem fêz com que me viessem lágrimas aos olhos, embora eu tivesse jurado a mim mesma não chorar.

Por um instante Paul ficou confuso, como alguém que tivesse esquecido o nosso nome. Depois abraçou-me e disse:

—Eu irei breve para casa, Marie. Tenha coragem e não desanime.

“É preciso que nunca o decepcione”, dissera o Dr. Edwards.

“Tenha coragem e não desanime”, dissera Paul.

Mas não era fácil. Eu vivia numa azáfama o dia todo, concentrando-

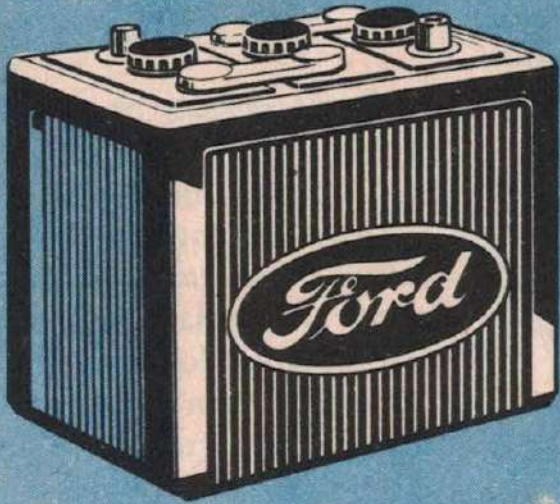
me em pequeninas coisas—no que deveria fazer para o almoço das crianças, nas roupas que precisavam de consêrto—para conservar a cabeça livre de medos e preocupações. Quando ficava sòzinha, tinha de fazer fôrça para não chorar ao olhar a casa em redor, pois tudo me recordava Paul. Inventei um patético jôgo de faz-de-conta, no qual Paul era um vendedor que saía de casa na segunda-feira e só voltava na sexta, e que não chegava na sexta por motivos de fôrça maior.

Para aliviar as nossas dificuldades financeiras, arranjei um emprêgo de vendedora de um serviço de aluguel de fraldas. Foi o único trabalho que pude encontrar para fazer em casa, pelo telefone, e continuar assim cuidando das crianças. Minhas comissões, somadas à pensão de Paul—que eu esperava fôsse aumentada devido às circunstâncias—eram suficientes para nós naquela época.

Quando conversava pelo telefone com senhoras grávidas, tinha de fazer fôrça para não invejá-las por terem os maridos em casa; não podia permitir que a minha tristeza prejudicasse a necessária alegria de uma boa vendedora. Consolava-me pensando que, naquele mesmo momento, outras mulheres estavam separadas de seus maridos por causa da guerra na Coréia. Seria eu tão mais fraca do que elas que não podia suportar a separação?

Tendo de cuidar sòzinha da casa, cada pequena dificuldade aumentava a minha confusão, aumentando tam-

Compre a Bateria...



... que tem a Garantia do nome



Ao comprar uma
Bateria Ford, exija o
cartão de garantia.



bém minhas razões para precisar de Paul. As calhas do telhado tinham goteiras que se transformavam em torrentes durante as tempestades. O carro se quebrou quando saí para fazer compras, e eu me vi perdida numa estrada com as três crianças que tinham de me acompanhar até nas mais breves saídas, pois nem sempre podia encontrar quem tomasse conta delas. Até o conserto de um brinquedo quebrado se tornava um problema.

Assim se passavam os dias e as semanas; semanas durante as quais eu escrevia a Paul em tempo roubado às crianças... cartas que eu lutava por tornar alegres, mas que nunca obtinham respostas; semanas em que eu me forçava a telefonar para alugar fraldas, em que me forçava a ser paciente com as crianças e a esconder delas o meu desalento; semanas em que chorava até dormir, quando, por fim, ficava sòzinha à noite.

Uma tarde bateram à porta. Era uma mulherzinha de cabelos grisalhos, de casaco negro e uma espécie de boné na cabeça. Apresentou-se:

—Sou sua vizinha; moro quatro casas adiante. Meu nome é Harriet Wilson. Posso entrar?

Levei-a para a sala da frente e esperei que falasse.

—Há tempos venho planejando esta visita. Sei da doença de seu marido e tenho conversado com seus filhos, de modo que é quase como se eu a conhecesse. Eu gostaria de ajudá-la.

Comecei a dizer que não precisava

de nada, ela porém me interrompeu.

—Eu e meu marido sabemos o que é precisar de ajuda. Perdemos a nossa casa durante a crise financeira e nossa filha única num desastre de automóvel. Certas pessoas só pensam em ajudar a gente de duas maneiras, ou dando dinheiro ou tentando encontrar uma grande solução miraculosa. Não estou pensando em fazer nada disso. Farei o almoço e cuidarei das crianças durante algumas horas. Há quanto tempo a senhora não tem uma refeição decente?

Tive de sorrir, pois era verdade que, desde a partida de Paul, eu geralmente comia apenas o que as crianças deixavam. A Sr.^a Wilson tirou o casaco e foi para a cozinha. As crianças entraram para almoçar e não mostraram a menor surpresa quando a viram. Limitei-me a ficar sentada na sala de estar e a sentir-me cansada. A Sr.^a Wilson levou-me o almoço—um pouco de presunto com creme e torrada e uma boa xícara de chá forte—e disse bruscamente:

—Por que não come isso e vai dormir um pouco? Eu tomarei conta dos garotos.

Dormi três horas sem ouvir um ruído, embora durante meses tivesse dormido sempre com um ouvido atento para os ruídos da casa. Quando desci, encontrei as crianças ajudando a Sr.^a Wilson a fazer tortas. Antes de sair, ela insistiu em tomar conta das crianças nos dias de visita a Paul. E foi saindo, antes que eu encontrasse palavras para agradecer-lhe.

A segurança de sua família...



... pode depender desta
borracha de freio! Examine
periòdicamente seu Ford!
Leve-o ao Revendedor Ford.
Èle conhece melhor o seu
carro - possui mecânicos
especializados e Peças Ford
Legítimas. Èle manterá
seu Ford seguro!

Procure seu Revendedor



MAS NEM TODOS eram tão compreensivos como a Sr.^a Wilson. À medida que a doença de Paul se foi tornando conhecida na cidade, comecei a notar uma mudança de atitude nos outros, pois minhas preocupações eram para êles um problema insolúvel. Percebi que muitos nutriam a curiosa crença de que doentes como Paul não tinham direitos e de que só a morte poderia curá-los. Na comuníssima pergunta: "Que vai fazer agora?" estava implícito que Paul perdera todo o direito ao amor e à lealdade. Aproximei-me mais dos filhos e procurei não pensar no dia de amanhã.

Comecei a ler todos os livros que podia sôbre Psicologia, esperando que pudessem ajudar-me a compreender o que Paul sofria. Ainda tínhamos nas estantes os livros em que êle estudara Psicologia. Mas não pude conter minha indignação diante de sua pretensa autoridade, de suas cômodas soluções, de suas arrogantes caracterizações, de seus casos típicos cuidadosamente selecionados. Não havia esperanças para mim naqueles livros, e eu compreendi então por que Paul, com a doença dentro de si, sùbitamente abandonara o estudo. Eu tinha de contar com uma esperança mais antiga e uma fé mais ampla; podia apenas pedir a Deus que protegesse o meu marido e me desse coragem para esperar por êle.

Foi então que decidi ir à missa e rezar por Paul todos os dias. Quando nos mudamos para aquela casa, havíamos ficado satisfeitos de encontrar

uma capela franciscana bem em frente. Quando comecei ir à capela tôdas as manhãs, vendo a luz do novo dia colorir os vitrais, adquiri fôrças suficientes para resistir à labuta cotidiana. Desejei que Paul compartilhasse de algum modo aquêle consôlo, mas a doença afastara-o da Igreja, dando-lhe a ilusão adulterada de que Deus era mau. É aterrador ver uma pessoa amada voltar-se contra Deus.

Um dia falei sôbre isso ao Padre Graham, que me perguntara se poderia ver Paul quando êle saísse para visitar-nos.

—Francamente, não sei, Padre— respondi.—Quando êle está doente, odeia a Igreja. E êle tem estado muito doente, Padre.

—As pessoas doentes não têm responsabilidade moral, Sr.^a Hackett. Portanto, não se preocupe com os sentimentos dêle para com a Igreja. Lembre-se de que Cristo não pediu às pessoas que fôssem normais. Pediu apenas que se amassem umas às outras e que fizessem o bem.

Êle falou mais, pesando minhas preocupações em têrmos de eternidade, e o que disse serviu para fixar a esperança e o auxílio que eu recebera através das orações e das missas diárias.

ENTREMENTES, amontoavam-se minhas dificuldades financeiras. A pensão de Paul fôra suspensa até se poder fazer um reajustamento na base de sua invalidez. Meu salário não dava para as despesas. Eu já es-

tava atrasada nos pagamentos da casa e dos empréstimos sôbre o carro e a mobília.

Achava que não devia pedir ajuda a nossos parentes de Bóston. Mamãe era viúva e tinha pouca saúde. Paul afastara-se da família d'êles havia muitos anos, e não queria que eu lhes escrevesse.

Eu sabia que existiam agências de auxílio social, mas não sabia como procurá-las e envergonhava-me de pedir ajuda. Quando minha situação financeira atingira o ponto crítico, o médico mandou-me procurar uma tal Miss Bronson na Cruz Vermelha. Miss Bronson tinha um sorriso amigoso e logo compreendeu as minhas dificuldades e a doença de Paul. Uma coisa que ela me disse eu viria a repetir muitas vezes quando sentia a coragem faltar.

—A senhora talvez pense que ninguém jamais enfrentou tais problemas, Sr.^a Hackett, mas há muitas outras pessoas nas mesmas condições. Elas sempre me procuram quando se encontram na pior situação, e, no entanto, muitas vezes eu pressinto que terão a coragem para resistir. A senhora me dá essa impressão.

Concordou em fazer comigo um orçamento e em pagar aquilo que excedesse o meu salário. Nada mais simples.

Naquela noite senti-me quase aliviada, não por causa do empréstimo da Cruz Vermelha, mas porque tinha encontrado umas poucas de pessoas que me ofereceram auxílio desinteressado quando eu mais precisava

d'êles. As crianças perceberam o meu alívio, e eu toquei piano enquanto elas dançavam. Quando arrumei Gina na cama, ela sussurrou:

—Você está contente, mamãe. Papai com certeza vai voltar logo para casa!

COM EFEITO, ainda que em minhas visitas ao hospital algumas vezes encontrasse Paul separado de mim por algum terrível desespêro íntimo, em setembro—cêrca de dois meses depois do seu primeiro fim-de-semana em casa—êles foi julgado suficientemente melhor para merecer outra licença de fim-de-semana. Foram dias maravilhosos para todos, com a casa em festa, as crianças emocionadas com a presença do pai e Paul comportando-se normalmente. E, enquanto eu e Paul jantávamos à luz de velas, depois que as crianças tinham ido para a cama, descobri que não tinha medo e que não estava mais sòzinha, apenas mais apaixonada do que nunca.

Mas êle estava longe da normalidade. No sábado, enquanto via as crianças brincando, Paul disse abruptamente:

— Eu estava pensando na maneira como funciona o meu cérebro: é como se eu tivesse consciência de três níveis de percepção ao mesmo tempo, como três rádios tocando na mesma sala. Será que o cérebro dos outros funciona como o meu?

Era a primeira vez que êle fazia qualquer referência à anormalidade do seu cérebro. Mandei que as crian-

ças saíssem para brincar e abraçei-o.

—Talvez eu tenha um cérebro prosaico que só pensa numa coisa de cada vez—observei.—Você tem uma inteligência brilhante, Paul, e deve ser por isso que é diferente.

Ele sorriu para mim.

—Talvez eu também tenha dupla personalidade, como os meus companheiros do hospício, mas não se esqueça de que ambas as personalidades gostam de você.

Percebi que ele estava procurando resolver algo importante dentro da sua mente. Era como se eu estivesse vendo uma pessoa amada a escalar uma encosta íngreme.

—Se existe alguma coisa anormal, Paul, você vai ficar melhor—disse-lhe.—Você está num bom hospital.

—Se eu fôr como os outros, não sei que possibilidades terei—respondeu Paul soturnamente.—É justo que você saiba disso.

Sentei-me bem junto d'ele e disse-lhe que, mesmo que não melhorasse, mesmo que tôda a nossa vida fôsse apenas vivida em poucos fins-de-semana, eu me sentiria satisfeita.

Quando chegou a hora de voltar, Paul falou com tôda a seriedade.

—Nunca pense que é culpa sua eu estar onde estou, Marie. Se estou doente, isso vem de longe, pelo menos desde o tempo do Exército. Se melhorar, será devido a coisas como esta visita.

Depois Paul começou a escrever-me novamente e parecia ter melhorado tanto que me permiti esperar para dentro em pouco a sua volta

definitiva. Os médicos diziam que ainda ia demorar, que nessa doença havia súbitas mudanças de temperamento. Mas as minhas esperanças aumentavam dia a dia.

A pensão foi finalmente reajustada e recebemos um cheque que me permitiria pagar as contas e reembolsar a Cruz Vermelha. Quando chegou o dia de visita, levei o cheque para Paul endossar. Quando assinava, observou:

—Você vai ter um dinheirão todo mês, sem a agravante de um marido para atrapalhar.

Olhei-o atordoada. Paul observou-me atentamente, depois deu um murro no joelho.

—Desculpe, Marie. Você não merece isso. Fui contaminado pelo que os outros dizem das mulheres e das mães. Você deve ter notado que temos três vêzes mais visitas no dia em que eles têm de assinar os cheques.

Não dormi bem aquela noite. Temia que o hospital estivesse contribuindo mais para nos separar do que a própria doença de Paul.

*N*AS PRIMEIRAS noites em que John choramingou durante o sono, pensei que fôsse apenas por causa do frio do outono, mas não havia coberta capaz de acalmar a sua inquietação. Não tardei a descobrir que tinha febre com regularidade: temperatura normal pela manhã, febre ligeira ao anoitecer, febre alta de noite. Um médico receitou-lhe penicilina. Deu resultado uma ou duas noites, mas a doença voltou.

Resolvi não escrever a Paul enquanto não soubesse do que se tratava para que êle não imaginasse alguma fôrça do mal atacando seu filho. Se alguma coisa acontecesse a John, era muito provável que êle não recobrasse a saúde, pois havia profunda afeição entre os dois.

Intermináveis testes de alergia numa clínica nada revelaram. O médico experimentou aureomicina, mas o menino não apresentou melhoras. Descuidei-me do meu trabalho e até deixei de escrever a Paul, passando noites insones junto à cama de John. Em seus delírios febris êle algumas vêzes dava para murmurar repetidamente "Papai, papai." Era de cortar o coração.

Uma noite, quando eu dormitava numa cadeira ao lado de John, êle fêz um ruído estranho como se estivesse engasgado. Tomei-o nos braços. Todo seu corpo se torcia em espasmos e sua pele adquirira uma coloração azulada. Chamei um médico e êle disse que o menino entrara em convulsões por causa da febre. O médico levou-nos no seu carro para o hospital, rolando vagarosamente pelas ruas cheias de nevoeiro, enquanto eu abraçava John bem junto a mim.

No hospital, depois que John foi colocado finalmente numa tenda de oxigênio e começou a respirar mais facilmente, o médico me chamou à parte. Disse que o menino estava muito doente e que, embora não pudesse arriscar um diagnóstico antes da manhã seguinte, era melhor eu chamar meu marido.

Eram 4 horas da madrugada quando telefonei para o Hospital de Paul. Disseram-me que não se podia fazer nada antes do amanhecer. Fiquei sentada no corredor, perto do quarto de John, rezando fervorosamente.

Às 7 horas consegui falar com o Dr. Edwards no hospital.

—Mas Paul também está doente —respondeu êle— e não podemos deixá-lo sair daqui sem mais nem menos, embora eu compreenda o seu desespero. Acrescentou, então, que temia uma recaída se Paul soubesse que o filho agonizava com uma febre desconhecida. Interrompi-o.

—Eu também conheço Paul, doutor. Se alguma coisa acontecer a John e não lhe dissermos, êle nunca mais confiará em ninguém e nunca ficará bom.

O Dr. Edwards fêz uma pausa, depois disse:

—Darei um jeito para que êle faça uma visita à casa, mas, por favor, tome muito cuidado, do contrário isso vai custar o meu emprêgo.

Eu tremia dos pés à cabeça. Nunca me ocorrera que pudessem proibir a saída de Paul. Só então percebi como fôra difícil a decisão.

Acabara de telefonar à Sr.^a Wilson para lhe pedir que tomasse conta de Chris e Gina, quando uma enfermeira me informou que John estava outra vez com espasmos. O médico saíra e, embora três enfermeiras estivessem cuidando de John, amarrando-lhe as mãos, as convulsões faziam estremecer o seu corpinho e retorciam-lhe dolorosamente o rosto. E ali estava

eu, sem poder fazer nem dizer coisa alguma, olhando através das lágrimas para o filho agonizante.

E então senti que me passavam um braço em volta dos ombros. Levantei os olhos: Paul estava a meu lado. E eu disse-lhe o que dissera a mim mesma tantas e tantas vezes:

—Está morrendo, Paul, e não deve morrer. Não é possível que as crianças morram assim.

Paul abraçou-me dizendo:

—Êle ficará bom, Marie.

Êle estava ali e não me culpava. Não me sentia mais só.

O médico apareceu e rapidamente aplicou injeções que aquietaram o menino e tornaram menos difícil a sua respiração. Logo depois fêz uma punção na espinha para aliviar a pressão sobre o cérebro e verificar se tinha meningite espinhal. Feito isso, eu e Paul ficamos lado a lado silenciosos, olhando John adormecido.

Quando anoiteceu, Paul mandou-me para casa para ver as meninas e dormir um pouco. Quando saí, êle falava baixinho com John, contando-lhe histórias. Não tive medo de deixar os dois sòzinhos.

A manhã seguinte estava fria e chuvosa. Tomei café às pressas, deixei as meninas na casa da Sr.^a Wilson e dirigi-me ao hospital. John dormia e Paul continuava junto ao berço. Parecia calmo e animado.

—John passou bem a noite—contou-me.—Mas a temperatura ainda é alta e as convulsões afetaram-lhe o coração. Se a febre ceder, não haverá perigo.

Enquanto eu permanecia sentada ao lado do berço de John, Paul ficou à janela olhando a chuva. Que se estaria passando em sua mente? Queria pedir-lhe que rezasse comigo, mas não ousava fazê-lo. Mas então olhei para o rosto pálido de John e criei coragem.

—Quer rezar comigo um Padre-Nosso por John?

Até então, desde que ficara doente, Paul havia rejeitado colèricamente todos os aspectos de religião e fé. Daquela vez olhou para mim, e houve um momento de silêncio e conflito interior. Depois tomou a minha mão e rezamos juntos.

NAQUELA NOITE, a temperatura de John voltou ao normal. Nosso filho ia ficar bom. Passada a crise, meu ânimo melhorou e, quando tornei a pensar no problema da enfermidade de Paul, experimentei nova confiança. Êle parecia o mesmo que fôra antes da doença lhe haver anuviado a mente. No dia em que voltou para o hospital, não escondi minhas esperanças.

—Talvez você possa voltar para casa muito breve.

E pela primeira vez êle admitiu que havia uma possibilidade.

Por sua vez, o Dr. Edwards parecia encorajado com o progresso de Paul.

—Êle está indo bem, talvez melhor do que esperávamos—disse-me em dezembro.—Tem um cérebro excepcional, e a psicoterapia está produzindo efeito.



Este choro não é manha!

...a causa é pele irritada.
Mas, algumas gotas do fino
Óleo Johnson evitarão o
contato irritante da urina com
a pele. Por isso, sempre
que trocar as fraldas, proteja a
sua pele delicada com uma
fina camada de Óleo Johnson.



SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Mas havia flutuações e recaídas, e meus problemas domésticos pareciam infundáveis.

Um dia Christine voltou do jardim de infância completamente transtornada. Na manhã seguinte não quis voltar à escola e ficou violentamente doente do estômago quando insisti em que fôsse. Tôdas as manhãs se recusava a ir para a escola. Fiquei intrigada com essa atitude, até que soube que algumas das crianças mais velhas haviam caçoado dela pelo fato de seu pai estar num hospício.

A princípio não compreendi. E então percebi tôda a monstruosidade da situação. Quase podia ouvir as vozes infantis em côro zombando da minha Chris. Se Paul tivesse perdido os braços ou as pernas na guerra, seus filhos não teriam de passar por aquela provação. Aquela era, com efeito, a mais terrível doença.

Quando Chris voltou da escola naquele dia, esperei até que John e Gina adormecessem, peguei-a no colo e disse-lhe que queria conversar com ela.

—É a respeito de seu papai, querida. Você sabe que muitos pais foram feridos de várias maneiras no Exército, mas todos devem ter orgulho dos pais que foram soldados.—Ela me escutava com grande atenção.—Nós amamos muito papai, continuei, e quem ama tem de ser leal. Para a gente ser leal é preciso acreditar na pessoa que ama e continuar a amá-la, mesmo quando os outros falam mal dela.

À BEIRA DO ABISMO

—Papai está no hospital como John estêve no hospital? Alguns meninos disseram coisas horríveis para mim, que papai estava maluco e prêso num hospício. Mas eu não me importo com o que êles dizem, não é, mamãe?

—Não, querida. Nós não nos importamos, porque amamos papai.

Mas quando aquilo terminou e Chris começou a colorir uma figura senti uma fraqueza dentro de mim.

No caso de Paul teve lugar uma extraordinária viravolta como subproduto da rigorosa psicoterapia a que era submetido. Eu tinha dificuldade em compreender aquêle tratamento.

—Quer dizer que o senhor trata Paul só conversando com êle?—perguntei ao Dr. Edwards.

—Não é tão simples assim. Não quero que pareça uma coisa demasiado simples, mas o objetivo é fazer com que no ato de falar êle possa reconhecer alguns de seus próprios pensamentos tortuosos. E como não podemos dedicar muito tempo a cada paciente, procuro fazer com que os doentes com capacidade verbal escrevam tudo o que lhes ocorre—apenas algumas páginas por dia. Tenho uma pasta inteira cheia dos escritos de Paul. Além do seu valor clínico, acho que é ótima literatura. Paul nunca escreveu antes?

—Não, doutor. Êle quase nem escrevia cartas.

—Ê uma coisa interessante. Êle tem grande capacidade literária. Eu

Feito especialmente para o bebê, Talco Johnson refresca e suaviza sua pele delicada.



Os bebês
mais
contentes
usam —



gostaria que a senhora dactilogra-
fasse tudo o que êle escreve e o
trouxesse nos dias de visita. Isso o
ajudaria a levantar o seu amor-
próprio.

Entregou-me uma pasta marrom
cheia de páginas manuscritas.

—Não se perturbe com o que está
escrito. A maioria de nós está sempre
escondendo alguma coisa. Nos escri-
tos de pessoas doentes como êle não
há essa reserva. Certas páginas lhe
parecerão brutais.

Aceitei a pasta perturbada por
emoções confusas. O Dr. Edwards
me entregaria aquilo só para que eu
me conservasse ocupada e tivesse a
impressão de que estava ajudando
Paul? Quando me levantei para sair,
êle disse tranqüilamente:

—Acho que vale a pena, do con-
trário eu não o sugeriria.—E acres-
centou quase casualmente:—Paul
vai indo bem. Mas, diga-me, como
vai indo a senhora?

Fiquei surpreendida com a per-
gunta, mas momentos depois estava-
lhe confessando a minha necessidade
de coragem, de auxílio exterior. Sô-
zinha eu avançava até aonde me fôra
possível. Agora só encontrava re-
fúgio na fé. Até rezava de maneira
diferente. A verdade é que eu não
tinha aprendido a rezar senão depois
que desaparecera tôda a esperança
humana.

O Dr. Edwards olhou pela janela
de barras negras, virou-se para mim
e disse quase com rudeza:

—Estamos fazendo tudo. Apesar
de suas melhoras, Paul ainda tem

tanta cólera e violência dentro de si
que às vêzes penso que só seu amor
pela senhora e pelas crianças conse-
gue mantê-lo intato. Êsse amor
nunca diminui e é por isso que êle se
refaz depois de cada recaída. Acho
que há algo além de tudo o que po-
demos fazer. Portanto, continue a
rezar por êle.

EM CASA, aquela noite, depois de
deitar as crianças, comecei a ler os
escritos de Paul. Era diferente de
tudo o que eu já lera antes. Tinha
um ímpeto terrível, vertiginoso. Fi-
quei surpreendida, depois fascinada e
esqueci quem o havia escrito. Im-
pressionaram-me profundamente o
talento, as imagens, a visão de um
rapaz torturado pela consciência,
violentamente revoltado contra o
seu ambiente, sem compreender os
seus próprios sentimentos. Era quase
meia-noite quando cheguei à parte
que ficaria para sempre como a coisa
mais impressionante já lida por mim.

Era uma passagem em que êle
falava de um “jovem gigante” que
descobriu que, primeiro um braço,
depois outro e, finalmente, todo o
corpo se estavam transformando em
papelão. Aconteceu que o gigante
“conheceu uma môça bonita, boa,
forte. Casaram-se e a fôrça da jovem
era a fôrça dêle e ela lhe deu fôrças e
tiveram filhos”. Mas, apesar disso,
êle continuava a se transformar em
papelão e, finalmente, foi pôsto num
hospício. “Êle jaz numa cama, e seus
braços são papelão, todo o seu corpo
é papelão, e os médicos vêm ver o

8 razões pelas quais V. S.^o deve anunciar em Seleções

1) Continuidade com menos inserções...

Por ser uma revista mensal, *Seleções* assegura a necessária continuidade em seu plano de propaganda, com um menor número de inserções... menor dispêndio de verba.

2) Vida mais longa para o seu anúncio

Sim. Porque *Seleções* é uma revista que se coleciona, cuja leitura se renova, e o interesse de sua matéria editorial se transmite aos anúncios que publica.

3) Melhor cobertura do mercado

É o que *Seleções* lhe oferece, com sua excepcional *circulação líquida* — a garantia para 1954 é de 340.000 exemplares.

4) Maior número de leitores por exemplar!

Cada exemplar de *Seleções* é lido, em média, por 6 pessoas — 3 homens e 3 mulheres. Sua mensagem alcançará um grupo de 2.040.000 leitores, de alto poder aquisitivo.

5) O mais baixo custo

por mil exemplares e mil leitores. O seu anúncio em *Seleções* custa Cr\$ 75,29 líquidos por mil exemplares — apenas 1 centavo por leitor.

6) Melhor reprodução do seu anúncio!

A perfeita apresentação dos anúncios em preto e branco, ou 2 e 4 cores, aumenta a sua eficácia e os torna mais apreciados pelos milhares de leitores de *Seleções*.

7) Melhor companhia para seu anúncio

As principais empresas... as mais conceituadas firmas anunciam em *Seleções*. Assim, prestigiamos sempre o seu anúncio com a melhor companhia.

8) Impressão gratuita de material de promoção de vendas

O seu anúncio em *Seleções* lhe dará direito a um crédito para impressão de material de promoção de vendas. Peça esclarecimentos aos nossos representantes de publicidade.

Em seu plano de propaganda, *Seleções* representa sempre - mais leitores... menor custo... melhores resultados.

Seleções do Reader's Digest

RIO: Praça Pio X, 98-11.º andar; tel.: 43-9402

S. PAULO: Av. Casper Libero, 58-14.º and.; tel.: 34-7443

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

que fêz o gigante cair. Com êle estão outros gigantes caídos, e todos esperam para ver se sua fôrça retornará ou se alguém porá fogo nêles, se os jogará fora, ou se porá um chapéu de palha nêles e os transformará em espantalhos para as plantações, se os trancará para sempre num porão mofado." Enquanto lia estas palavras, eu não cansava de pensar: "Oh Paul, eu devia ter mostrado a você que o gigante não é absolutamente de papelão!"

No domingo seguinte mal podia esperar para entregar as fôlhas dactilografadas a Paul. Mas no hospital êle veio ao meu encontro junto com os outros e não deu sinais de me reconhecer senão quando chegou bem perto de mim. Estava distraído, pensando em outra coisa. Quando saímos e ficamos a passear ao frio de inverno, falei-lhe do meu trabalho de dactilografia e entreguei-lhe a pasta.

—O doutor me contou. Você não precisava ter-se incomodado. São apenas rabiscos.

—Não, Paul, é literatura maravilhosa, a melhor coisa que já li. Daria um livro. Quer continuar a escrever e corrigindo o trabalho à medida que eu o fôr passando a limpo?

Êle abriu a pasta e começou a ler.

—Não sei onde poderia guardar isto; há gente aqui que rasga todo o papel que encontra. E se eu andar com a pasta para cima e para baixo, os médicos vão pensar que é algum sintoma. Alguns sujeitos vivem carregando sacos ou jornais amarrotados.

À BEIRA DO ABISMO

dos, que metem debaixo do colchão.

—Você não poderia pedir ao Dr. Edwards para guardar a pasta no gabinete dêle? Êle se interessa pelo que você escreve.

—Ê verdade, posso pedir a êle.— Então tirou algumas fôlhas dobradas de dentro do cinto.—Se você quer mesmo passar a limpo essa droga, tenho mais aqui.

Mais tarde, quando nos despedimos, êle brincou comigo:

—Imagine! Você, que se especializou em literatura, passando a limpo esta baboseira. A sua faculdade repudiaria você.

Quando dirigia meu carro a caminho de casa, compreendi que êle estava melhor quando o deixei.

Os escritos de Paul tornaram-se para mim uma nova fonte de esperanças. E eu estava disposta a tudo fazer para que seu trabalho fôsse apreciado profissionalmente. Por sugestão do Padre Graham, remeti ao *Catholic World* um trecho que descrevia uma missa no hospício. Era uma seqüência escrita com vigor, onde se misturava estranhamente o realismo mais cru com um impressionante amor a Deus. O *Catholic World* comprou-a. Quando Paul recebeu a boa nova, sorriu e disse:

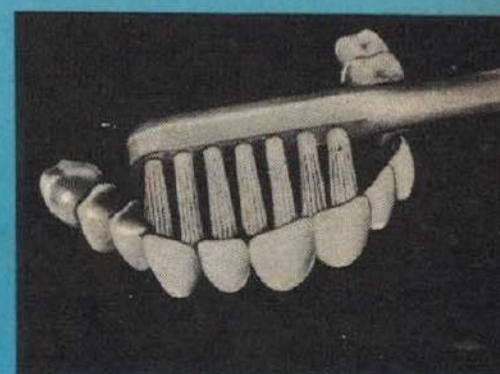
—Aposto que é a primeira vez que êles publicam uma coisa escrita por um sujeito que está numa casa de doidos.

Entretanto, o trabalho de passar a limpo os escritos de Paul era um encargo a mais, e, entre fevereiro e março, com suas frias e violentas

limpam fora...



limpam dentro...



e duram...
duram...
duram!

ESCÔVAS

Tek

Johnson & Johnson

tempestades de chuva, verifiquei que cada dia mais eu precisava de maior energia para executar tôdas as minhas tarefas. Como eu escrevia vagarosamente à máquina e queria ter tudo o que Paul escrevia passado a limpo antes de cada visita, trabalhava até tarde da noite. Durante o dia irritava-me mais facilmente com as crianças e era a muito custo que dava os meus telefonemas diários em nome do serviço de fraldas. Minhas vendas decresceram. De novo as dificuldades financeiras começaram a me preocupar, e a pressão e a frequência de minhas complicações aumentaram como uma enchente batendo contra um dique pouco resistente. Encontrava-me à beira do colapso.

Mas Paul melhorava dia a dia. Já se tornavam comuns as licenças para passar os fins-de-semana em casa, e em cada visita êle me assegurava que eu não teria mais de esperar muito tempo.

AS PALAVRAS por que eu esperava há tanto vieram inesperadamente, quase por acaso. Era uma bela tarde de primavera e eu estava de novo no gabinete do Dr. Edwards.

—Todos nós achamos que Paul tem feito grandes progressos—disse-me o Dr. Edwards.—A personalidade dêle está praticamente reconstruída. Já não está em conflito consigo mesmo. Vou ver se o mando para casa na próxima semana.

Perguntei-lhe com hesitação:

—De vez?

—Primeiro terá de comparecer perante o corpo médico. Se passar, terá uma licença experimental de três meses. Depois, será submetido a novo exame e, se estiver bem, a licença será prorrogada por nove meses. Se ficar fora do hospital um ano inteiro, receberá alta.

Em dezembro, essa boa notícia ter-me-ia enchido de alegria. Naquele momento, embora eu me comovesse profundamente, minha principal reação foi de fadiga. Já desgastara tanta energia emocional que não tinha mais capacidade para o entusiasmo.

O Dr. Edwards continuou:

—Quando êle fôr para casa, o problema de trabalho terá grande importância. Paul terá sem dúvida de executar tarefas em desacôrdo com as suas aptidões. Talvez seja até melhor que faça trabalhos manuais.

—Que acha se êle continuasse a escrever? Não poderia fazer disso uma carreira?

—Há muita concorrência nesse campo. Acho que êle escreve bem e é possível que o seu futuro esteja na literatura, mas a dificuldade está nos primeiros anos.—Fêz uma pequena pausa e continuou.—A senhora ainda terá momentos difíceis. Mas confio amplamente nos dois. E acho que os piores perigos já passaram.

Nos dias que antecederam o exame de Paul, fiquei esperando, vendo o tempo passar, incapaz de trabalhar, incapaz de fazer outra coisa a não ser rezar. Comecei a depender da volta de Paul como da última esperança,

sentindo-me por demais cansada para continuar sem êle. Mas tudo dependia da impressão que Paul produziu na junta examinadora.

Sabia que a entrevista seria muito rigorosa e temia que algo de mau ocorresse. Não poderia alguma pergunta inesperada produzir uma explosão de raiva em Paul e destruir tôdas as nossas esperanças? Minha tensão foi num crescendo até que a manhã decisiva chegou e passou, sem a menor notícia do hospital.

O telefone tocou às primeiras horas da tarde. Então ouvi a voz de Paul do outro lado do fio.

—Tudo bem, Marie. Passei òtимальmente. Pode vir buscar-me amanhã.

Havia nas crianças e em mim um ar de festa quando nos dirigíamos para casa com Paul no dia seguinte, e nessa noite demos-lhe uma festinha. Sentados em volta da mesa iluminada por velas, Paul olhava as crianças e a mim como se custasse acreditar que estava conosco. Agora que o hospital estava para trás, êle podia discutir objetivamente a sua doença.

—Eu estive muito doente—disse êle.—Ninguém sabe como estive doente, mas consegui subjugar o meu mal. Tenho a certeza de que nunca mais ficarei doente.

Paul nunca fizera tal declaração.

—Você passou sete anos horríveis, Marie—continuou—mas nunca mais terá que passar por isso. Êste ano foi como um retiro para mim, quase como se tivesse passado num mosteiro. É estranho falar assim de um ano num hospício, mas agora sei que

a vida não precisa ser complicada. Na verdade ela é simples. Eu tenho grande amor a você e às crianças, e farei qualquer trabalho para sustentá-las.

*M*AS NÃO IA SER assim tão simples.

Na segunda-feira seguinte Paul começou a procurar emprêgo cheio de esperança. As fábricas locais de material bélico para a defesa estavam então empregando muita gente, e êle achava que encontraria trabalho numa delas. Dia após dia, entretanto, era recusado com evasivas. Tornou-se para êle uma desesperançada rotina preencher formulários e ver-se recusado tão cedo se sabia do seu ano passado no hospício. Paul resolvera não esconder o fato, pois, se o fizesse, iria trabalhar sob pressão, temendo ser descoberto a qualquer momento. Dizia, pois, a verdade e, em consequência disso, esbarrava numa muralha de preconceito e medo.

Uma vez o encarregado do pessoal de uma fábrica de papel disse-lhe francamente que a companhia não podia arriscar-se a empregar uma pessoa que estivera tão doente assim. Terminou com uma frase que Paul ouviria muitas outras vêzes: “O governo é que devia tomar conta de gente como o senhor.” Nesse dia, Paul voltou para casa ao meio-dia, o rosto cansado, a bôca um pouco contraída, como se estivesse carregando um grande fardo.

—É mais duro do que eu pensava—confessou.—Não é de admirar que

os doentes curados voltem ao hospital. Mas não pense que eu vá ter uma recaída. Eu compreendo bem como são as coisas.

Sucederam-se os dias de buscas infrutíferas. Nesse ínterim fui dispensada pelo serviço de fraldas. Paul não permitiu que isso afetasse seu equilíbrio tão dificilmente conquistado. Analisou realísticamente nossa situação, sem medo, e enfrentou os cobradores com bom humor e decisão. Mas cada manhã que saía à procura de emprêgo, eu sabia que êle estava disposto a aceitar menos.

Um dia telefonou-me muito satisfeito para dizer que conseguira emprêgo . . . num cemitério, cavando sepulturas. Não lhe pude dizer o que experimentei. Com todo o seu talento e tôdas as suas perspectivas, era horrível que tivesse de aceitar um emprêgo daqueles. Mas êle voltou para casa contentíssimo.

—Pelo menos, é um emprêgo—disse.—De qualquer modo, está entendido que eu sou escritor, e não deve um escritor saber qual a impressão que se tem cavando sepulturas?

Durante todo o verão Paul trabalhou de dia no cemitério e à noite em seu livro, tentando dar um feitiço de história ao que escrevera no hospital. À medida que eu ia dactilografando aquelas páginas percebia que se estavam transformando no livro que eu sonhara. Mas perguntava-me com inquietação se êle deveria ou não fazer aquilo. Muitas páginas eram doentias e vertiginosas,

e eu temia que, ao relê-las, êle pudesse ficar chocado e tivesse uma recaída.

Mas a cada dia que se passava êle parecia mais calmo e mais seguro de si. Recusava-se a preocupar-se porque tendo atravessado a pior experiência da vida—depois da morte—não mais podia perturbar-se com a espécie de emprêgo que tinha, com o dinheiro que nos restava ou com a marca do carro que dirigia. Era como o condenado à morte que recebe um indulto no último minuto . . . seria idiotice começar a reclamar a comida.

Mesmo quando Paul voltou ao hospital e obteve uma prorrogação de nove meses de sua licença inicial de três meses, não consegui acalmarme. Pois os meses que se seguiram foram um desfile de crises. No outono Paul foi despedido do cemitério. Teve uma porção de empregos provisórios—numa lavandaria, num balcão de cachorros quentes, como substituto de carteiro—mas cada vez mais nos atrasávamos no pagamento da hipoteca de nossa casa.

Tentei manter a minha fé no futuro, contudo parecia-me que nossas dificuldades exerciam pressões intoleráveis sôbre Paul. A tensão a que se submetia seu contrôle tornara-se, a meu ver, insuportável. Teria êle de caminhar sempre por uma trilha tão perto da beira do abismo?

Foi Paul quem encontrou uma solução para o nosso problema. Seguindo uma sugestão sua, vendemos a casa e nos mudamos para Nova York. Tínhamos passado a maior parte de

nossas vidas numa cidade grande e nunca gostáramos de morar em cidade pequena. Muitos fornecedores e vizinhos haviam demonstrado inquietude na presença de Paul desde a sua volta do hospital. Além disso, a venda da casa deu-nos um saldo de algumas centenas de dólares, que nos permitiria recomeçar a vida.

Havia falta de apartamentos em Nova York, e durante dois meses tivemos de viver em apertados quartos de hotel. Mas a cidade grande fêz bem a Paul. Êle tinha necessidade de seu estranho sossêgo, de sua impessoalidade e seu anonimato. Precisava estar onde as pessoas, se chegassem a julgá-lo, só o julgassem pelo que êle era. E havia milhares de pequenos restaurantes em Nova York onde geralmente podia arranjar um trabalho diurno, enquanto continuava a escrever nas horas de folga.

Quando o livro estava em meio, êle mandou o original a um agente literário, que o considerou um magnífico trabalho. Paul conseguiu completá-lo em Nova York, e logo ficamos satisfeitiíssimos ao saber que um editor o aceitara. O livro, que êle intitulara *Os Gigantes de Papelão*, fôra iniciado no hospital, escrito nas piores condições possíveis, e era aceito para publicação enquanto Paul ainda continuava, oficialmente, sob cuidados médicos! Achei que aquilo abria uma carreira inteiramente nova para êle.

Mas uma nova preocupação me assaltou. Deveria o livro ser publicado com o próprio nome de Paul,

permitindo que todo o mundo soubesse de sua grave doença? Quando eu lhe fiz a pergunta, êle olhou-me atônito.

—Para que escrever um livro assim e depois ter mêdo de pôr o nome na capa?—indagou.—Admira-me que você tenha pensado em semelhante coisa.

—A maioria das pessoas que nos conhecem nem sabe que você estêve doente, Paul. Todo o pessoal de Bóston, minha família, todos. Por que não fazer do livro um romance, mudando todos os nomes?

—Não. Isso seria como esconder um tio doente quando aparece uma visita. É justamente uma das atitudes que pretendo atacar. Devo isso aos outros doentes.

E não recuou um milímetro sequer em sua decisão.

POUCO DEPOIS disso tivemos um golpe de sorte. Encontramos um apartamento de três quartos em Riverdale, ao norte de Nova York. A maioria dos demais inquilinos era gente da nossa idade, cujos filhos brincavam com os nossos e cuja atitude para com as doenças mentais era mais compreensiva que a dos mais velhos. Jim Parker, um jovem escritor de rádio, que morava no edifício, resumiu êsse ponto de vista quando disse a Paul:

—Metade das pessoas que conhecemos tem mêdo de um colapso nervoso. Você já passou por isso e saiu vitorioso. Derrotou um dos grandes mêdos do homem moderno. Agora

tudo será muito mais fácil para você.

Dentro de pouco tempo, parecia que ninguém mais, ao conversar com Paul, se lembrava de sua doença mental. E Paul ficava inteiramente à vontade com os outros. Eu me lembrava de como fôra introvertido e discreto, como se afastava dos amigos, e eu dava graças por êle ter mudado tanto.

Havia muitos edifícios em construção em Riverdale e surgiam conjuntos de apartamentos em quase tôdas as esquinas. Paul apresentou-se num dos edifícios em construção e foi imediatamente contratado como operário. Ninguém lhe fêz perguntas sôbre o passado. Êle gostava de trabalhar em construções, e tivera experiência disso durante as férias escolares. O trabalho era bem pago, havia extraordinários e combinaria bem com a sua ocupação literária.

Enquanto isso, Paul recebera alta do hospital. Por fim, sentíamos que estávamos em caminho seguro, que daí em diante tudo seria mais fácil para nós. Entretanto, a crise mais séria, o teste mais severo do equilíbrio emocional de Paul ainda estava para vir.

Uma tarde, nosso edifício ficou repentinamente cheio de detectives e guardas. A Sr.^a Brown, uma mulher que morava sòzinha no apartamento em cima dos Parkers, fôra encontrada morta, com a garganta cortada por um abridor de latas. O telefone fôra arrancado da parede e seus aposentos estavam na maior desordem. As manchetes dos vespertinos

diziam: A POLÍCIA PROCURA LOUCO HOMICIDA.

Paul leu a reportagem com ar preocupado e observou:

—Quando êles souberem do meu diagnóstico virão correndo para cá.

De fato. Na tarde seguinte, acabava êle de chegar do trabalho quando apareceram dois detectives e o informaram de que devia acompanhá-los à delegacia para ser interrogado. Paul sorriu com certa amargura, deu de ombros, e saiu com êles. Quando olhei pela janela e os vi deixando o edifício a caminho do carro da polícia, todos os meus antigos temores tornaram a me assaltar. Se Paul perdesse a paciência ou ficasse deprimido, se pensasse que um doente mental já curado nunca teria sossêgo, sua enfermidade poderia voltar.

As horas que se seguiram foram terríveis para nós. Quando as crianças voltaram de brincar pelas na cama automaticamente, gelada de terror.

Enquanto isso, Paul enfrentava homens que o consideravam suspeito de um crime horroroso.

—O senhor estêve muito doente. Talvez seja capaz de fazer coisas de que não se lembre—disse-lhe um policial de tipo paternal.—Vocês que serviram no Exército foram treinados para a violência; é natural que aconteçam coisas assim.

Essa técnica “compreensiva” alternava-se com os duros ataques de um detective do tipo agressivo, e o interrogatório continuou. Paul, naturalmente, nada tinha a dizer e,

por fim, quando Jim Parker e um advogado do nosso edifício apareceram lá, a polícia o dispensou.

Ao voltar para casa depois desse rigoroso interrogatório, Paul estava terrivelmente cansado. Mas fiquei aliviada ao notar que a prova não despertara seus antigos sentimentos de cólera, medo ou culpa, que não conseguira romper o seu contrôle, e ele não guardava ressentimento da polícia. Vi então que, acontecesse o que acontecesse, não precisaria mais me preocupar com Paul.

A polícia não tornou a interrogá-lo. Descobriram que a Sr.^a Brown se suicidara. Era uma alcoólatra e já tentara várias vezes contra a própria vida, sempre da mesma maneira, deixando a casa em desordem e arrancando o telefone da parede.

O LIVRO de Paul saiu em outubro e teve uma acolhida muito favorável. Tínhamos tido muitas dúvidas a esse respeito, e mal pude acreditar nas palavras impressas quando Paul me mostrou a primeira crítica:

“*Os Gigantes de Papelão* é a história estranha, fascinante e inspiradora de um homem salvo da loucura pelo amor de uma esposa dedicada e pela inteligência de um psiquiatra. Muitas cenas são aterradoras, mas há muita beleza em meio ao horror. A causa da sanidade, da decência e da

dignidade humanas é bem defendida por este brilhante escritor que ora se revela e que atravessou o Vale das Sombras para dar esperança a outros que ainda lutam na escuridão.”

O livro teve ótima aceitação nos Estados Unidos e foi também publicado na Inglaterra. Paul começou a receber cartas de toda a parte, de doentes mentais e seus parentes. Dia a dia dedicava mais tempo a trabalhar por melhores condições de saúde mental.

Um dia foi entrevistado pelo rádio. Ouvindo-o, em casa, compreendi que ele ainda possuía toda a sua antiga violenta energia. Mas não era uma força destruidora dirigida contra si mesmo. Tornara-se uma arma para ser usada na luta que ele escolhera.

A voz de Paul, segura e firme, veio pelo rádio: “Eu fui um doente mental.” E prosseguiu na mesma linguagem sem rodeios, contando as próprias experiências, acentuando a necessidade de maiores pesquisas e melhores cuidados no tratamento das doenças mentais; dirigindo golpes violentos contra o preconceito e a vergonha que as cercam.

Ouvindo-o com orgulho, pensei: todo homem tem de encontrar o trabalho em que possa empenhar melhor seu talento e energia. Um homem impetuoso tem de encontrar a sua batalha.

UM RAPAZ de Denver convidou a namorada para ir às corridas de cães. No trajeto para o local ela ia calada demais. Finalmente disse:

—Estou intrigada. Corrida de cães? Quem é que vai montado nêles?

—Walter Davenport, em *Collier's*